

# NOTÍCIAS CNTV/ VIGILANTES



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS VIGILANTES 22/Mai



cntv@terra.com.br | (61) 3224-1658 | www.cntv.org.br | Edição 3198- Ano 2024



**DISTRITO FEDERAL**

## Vigilantes participam de ato por mais direitos

**Em grande ato convocado pelas centrais, milhares de pessoas de diversas categorias marcharam por mais direitos, dignidade e justiça social**



### **DIRIGENTES DA CNTV, FINTRAVIG, SINDESV DF PRESENTES NO ATO**

Cheios de sonhos, esperanças e disposição de luta, os ônibus, com delegações de trabalhadoras e trabalhadores de todo o país, já se amontoavam no estacionamento da Torre de TV nas primeiras horas do dia. Não era difícil prever que Brasília iria sediar mais uma manifestação histórica nesta quarta-feira (22).

E assim foi. A atividade, convocada pela CUT e outras centrais sindicais, começou logo às 9h, quando aconteceu a Plenária da Classe Trabalhadora, ainda no estacionamento. Lá, representantes do governo federal tiveram acesso à pauta do segmento, que inclui reivindicações como a revogação das reformas trabalhista e previdenciária, a geração de mais empregos, a defesa dos serviços e servidores públicos, dentre outros pontos.



Cerca de 20 mil trabalhadores organizados marcharam pela Esplanada dos Ministérios



•DIRIGENTES DO SINDSEG GV/ES

### **Vigilantes presentes**

Vigilantes marcaram presença em mais este ato em busca da retomada dos direitos que nos foram tirados durante o DESgoverno Temer e Bolsonaro.

Tivemos a presença da Confederação Nacional dos Vigilantes – CNTV, do Sindicato dos Vigilantes do Distrito Federal, do Sindicato dos Vigilantes da Grande Vitória/ES e da Federação

Interestadual dos Vigilantes dos Estados do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo - FINTRAVIG.

E mais uma vez os vigilantes provaram que estão na luta por melhores condições de vida dos trabalhadores brasileiros. Esta foi a primeira de muitos atos que serão feitos, pois temos muito o que avançar, mais principalmente, temos muito a recuperar.



**DIRIGENTES DA CNTV, FINTRAVIG, SINDESV DF E SINDSEG GV/ES PRESENTES NA MARCHA DA CLASSE TRABALHADORA**

## **Confira a pauta de reivindicações da classe trabalhadora:**

- Pela reconstrução do estado do Rio Grande do Sul e por medidas de proteção e amparo a seus trabalhadores e trabalhadoras;
- Educação: Revogação do Novo Ensino Médio;
- Valorização do Serviço Público: Contra a PEC 32/Reforma Administrativa;
- Em defesa da Convenção 151/defesa da negociação coletiva;
- Trabalho decente: redução da jornada de trabalho e empregos decentes;
- Salário igual para trabalho igual - Em defesa da lei de igualdade salarial entre homens e mulheres;
- Reforma agrária e alimento no prato!
- Menos impostos para trabalhadores: juros baixos e correção da tabela de imposto de renda;
- Valorização do salário mínimo e das aposentadorias;
- Transição justa e ecológica em defesa da vida;
- Em defesa do PLC 12/24, por Direitos dos Motoristas por Aplicativos.

Fonte: CUT/DF com alterações CNTV

# Temendo invasões, condomínios contratam empresas para vigilância e rondas com barcos

**Clientes que já contavam com serviços de segurança e monitoramento eletrônico agora dependem de trabalho com embarcações**



Ensel usou barcos de diretores para ajudar clientes. Ensel Vigilância / Divulgação

Por trás do cenário transformado em ruas e avenidas com água batendo nas entradas de condomínios e invadindo apartamentos, casas e comércios, em Porto Alegre e em cidades da Região Metropolitana, existem outras estruturas em movimentação para dar conta da demanda da segurança. Empresas vigilância estão se adequando e passando a atuar com embarcações para atender os clientes.

O Menino Deus é um exemplo desta nova realidade. Condomínios se uniram para contratar o serviço de guarda privada de barco.

— A sensação de insegurança é grande. Sabemos de tiroteios na região. Já conseguimos cinco condomínios para dividir o custo. Faltam dois. Vamos pagar R\$ 3 mil por turno de 12 horas de segurança para os sete condomínios durante cinco dias — conta Israel Freire Henzel, que é síndico em um condomínio na Avenida Getúlio Vargas.

Segundo ele, os residenciais envolvidos na contratação estão situados na Getúlio Vargas e nas ruas André Belo e Barão do Gravataí. O trabalho começou na noite do dia 10. Como o contrato é fixo por cinco dias, se a água baixar, as rondas passam a ser feitas de carro. A contratada, segundo Henzel, é a empresa FNX Soluções em Segurança.

— Estamos com muita procura. A crise na segurança é grande. Nosso trabalho é coibir com presença ostensiva usando apitos e lanterna — explica um dos sócios, Thiago Moraginski.

## **Ronda com embarcações é novidade**

A novidade na atuação da empresa, no entanto, são as embarcações. A FNX atua com sistema de portarias virtuais. Com as enchentes, os sócios perceberam a necessidade de ampliar as modalidades de atendimento. Três embarcações foram adquiridas, inicialmente, e, a partir da sexta-feira (10), mais dois barcos chegaram.

— Fizemos análise do que aconteceu nos Estados Unidos, com o Katrina, e nos preparamos para cuidar dos nossos clientes. Estamos com bastante atuação no Humaitá, que é o local com a maior crise de segurança, tem guerra de facção. As pessoas lutaram a vida toda para ter aquela residência, não querem perder as coisas — diz Moraginski.

O trabalho não é armado. A ideia é manter presença ostensiva em residenciais que tiveram de ser evacuados em zonas mais

alagadas, mas também naqueles em que os moradores permanecem e temem invasões. Há muitas regiões ainda sem luz, o que pode facilitar a ação de criminosos. As rondas da FNX vão ocorrer entre 19h e 7h, no Menino Deus. Em outros pontos, incluem horários ao longo do dia. Desde o começo das cheias, Moraginski disse que a empresa já foi procurada por cerca de 20 clientes.

Com isso, houve a contratação de cerca de 30 funcionários, além de barqueiros para conduzir com segurança as embarcações.

— Não está sendo fácil contratar. As pessoas correm risco nessa atividade. Nós exigimos experiência e formação em cursos básicos de segurança. Mas estamos gerando empregos — pontua o dono da empresa.

No bairro Rio Branco, em Canoas, condomínios e comércios também estão usando o serviço de segurança com barcos. O síndico profissional e morador desalojado, Anderson da Silva, disse que estão sendo feitas rondas permanentes pela FNX em condomínios dos bairros Rio Branco e Fátima:

— Ontem, até acompanhei uma embarcação. É muito tenso. Um trajeto curto pode levar horas de trabalho. E com a água, perdemos as referências de localização, de ruas. Parece um filme em que passou um tsunami. Também tem helicópteros da Brigada Militar passando, policiais.

Início das ações foi para resgates

Quando a chuvarada começou na sexta-feira (3), as equipes da Ensel Vigilância começaram a se movimentar: o desafio era fazer rondas ostensivas pela água.

— Nunca nos passou pela cabeça precisar de barcos, não tínhamos plano B. Na sexta, com barcos de diretores, o foco foi salvar pessoas, resgatar. Num segundo momento, começou essa questão da proteção ao patrimônio para minimizar a situação para quem já teve danos gigantes — contou Camila Thomsen, da Ensel.

Ao longo da semana, a empresa, que teve uma das unidades alagada em Porto Alegre,

comprou um barco e ainda segue com apoio de embarcações de diretores. Inclusive, pela dificuldade de contratação neste momento, há diretores atuando na condução dos barcos. A Ensel teve em torno de 200 clientes atingidos na Capital, especialmente, os que fazem uso de alarmes e monitoramentos eletrônicos, e outros 60 em Canoas.

Momento é de colaboração pela segurança

O comandante de policiamento da Capital da Brigada Militar, coronel Luciano Moritz, destacou que este é um momento de colaboração entre todos e que policiais militares têm percebido a atuação dessas empresas em pontos alagados:

— Nós estamos com guarnições de todos os batalhões atuando, usando embarcações nossas e de voluntários. Nos cruzamos por água com essas empresas e com voluntários. É natural que a população e empresários busquem esse reforço de segurança neste momento. É hora de salvar quem tem que salvar e, obviamente, com o apoio de todos, saturar ambientes para evitar problemas.

A FNX não atua usando armas e, por isso, o cadastramento, permissão para funcionamento e fiscalização são de competência do Grupamento de Supervisão de Vigilância e Guardas, da BM. A Ensel, que atua no ramo armado, é homologada junto à Polícia Federal.

Sobre o tipo de atuação das empresas, agora com barcos, o coronel avalia ser apenas uma adequação ao modo de fazer vigilância. E que tal prática “juntamente do voluntariado unifica o momento de união de todo o cidadão gaúcho”.

Moritz também destacou que o “maior inimigo” hoje são as informações falsas potencializadas em grupos de WhatsApp.

— Não podemos fazer de um fato ou outro uma histeria generalizada — disse o coronel.

Fonte: GAUCHAZH

# Viúva será indenizada em R\$ 150 mil após marido ser morto em saída de banco

**De acordo com colegiado do TJ/MG, houve negligência da instituição financeira em relação à segurança dos clientes**



**Justiça condena banco a indenizar viúva de cliente (Imagem: Freepik)**

A 17ª câmara Cível do TJ/MG reformou a decisão da comarca de Barbacena/MG e condenou um banco a indenizar em R\$ 150 mil, por danos morais, a viúva de um homem vítima de latrocínio ocorrido na prática conhecida como “saidinha de banco”.

A viúva ajuizou ação contra a instituição financeira alegando que, em agosto de 2013, ela e o marido foram abordados por assaltantes após saírem da agência bancária onde haviam sacado uma quantia elevada.

Em sua defesa, o banco alegou que o crime ocorreu na rua, eximindo-se de responsabilidade. No entanto, o relator, desembargador Roberto Vasconcellos, reformou a sentença em 1ª instância.

Justiça condena banco a indenizar viúva de cliente (Imagem: Freepik)

Segundo o magistrado, a instituição financeira foi negligente em relação à segurança dos clientes, uma vez que, conforme documentos anexados ao processo, o criminoso selecionou a vítima dentro da agência e informou os parceiros sobre os alvos por meio de um aparelho celular.

O desembargador também sustentou que o banco descumpriu a lei estadual que obriga instituições financeiras a fornecerem cabine fechada para pessoas que manuseiam dinheiro vivo.

**O Tribunal omitiu o número do processo.**

Fonte: MIGALHAS

# Bancos têm alívio de capital e compulsório no Rio Grande do Sul

## Banco Central flexibilizou as regras para facilitar empréstimos no estado



Banco Central do Brasil (Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil)

O Banco Central (BC) decidiu aliviar as exigências de capital e o recolhimento de depósitos compulsórios dos bancos que operam no Rio Grande do Sul. Essa decisão foi tomada durante uma reunião extraordinária do Conselho Monetário Nacional (CMN), com o objetivo de estimular a oferta de crédito e reduzir os impactos econômicos das inundações que afetaram o Estado, segundo reportagem do Valor.

Uma das medidas permite que as instituições financeiras não classifiquem como problemáticos os ativos de crédito renegociados por clientes afetados pelas chuvas. Normalmente, os bancos precisam rebaixar a avaliação de crédito desses clientes e fazer provisões para possíveis perdas. Com a nova regra, os bancos podem manter a classificação de crédito dos ativos no nível de 31 de março, para renegociações realizadas entre 1 de maio e 31 de dezembro, incentivando a oferta de crédito e ajudando na recuperação econômica.

Outra medida aprovada pelo CMN isenta do cumprimento do compulsório sobre depósitos de poupança, por um ano, as instituições financeiras com mais de 10% de sua carteira de crédito concedida a residentes ou empresas em municípios em estado de calamidade pública. Essa liberação de compulsório, estimada em R\$ 8,3 bilhões, deve entrar em vigor em 27 de maio, proporcionando maior liquidez ao sistema financeiro.

Além disso, o CMN aprovou mudanças no Proagro, programa de crédito rural, permitindo que as vistorias técnicas para pagamento de indenizações utilizem sensoriamento remoto e dados paramétricos da produtividade dos municípios. Isso agilizará os pagamentos aos produtores rurais afetados pelas enchentes. As decisões do BC buscam atender às demandas dos bancos e mitigar os impactos econômicos das enchentes no Rio Grande do Sul, com a Febraban expressando apoio às medidas adotadas.

Fonte: 247

# Dieese: ‘Crise dos sindicatos é um problema de todas as instituições democráticas’

**Para o diretor técnico do Dieese, Fausto Augusto, a crise dos sindicatos no Brasil tem sido agravada pela falta de regulamentação das redes sociais**



**O desenvolvimento das tecnologias digitais tem impactado as relações de trabalho por todo o mundo**

Por Filipe Cabral | Agência Pulsar Brasil – Na quarta-feira (1º), como em todos os anos, foi comemorado o Dia do Trabalhador. Além de celebrar a luta dos homens e mulheres que histórica e cotidianamente constroem o mundo à nossa volta, a data serve também para refletir sobre as condições de trabalho – e, portanto, de vida – a que milhões de pessoas são submetidas todos os dias em diversas partes do país e do planeta.

No Brasil, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, atualmente, mais de 100 milhões de pessoas estão trabalhando no país, o que equivale a 58% da população de 14 anos ou mais de idade. O índice é o mais alto registrado desde 2014 e confirma o movimento de recuperação do emprego do país após os anos sob a pandemia de Covid-19. Além disso, nos últimos anos os trabalhadores brasileiros

puderam comemorar algumas conquistas como, por exemplo, a retomada da política de valorização do salário mínimo, a publicação da Lei da Igualdade Salarial (Lei nº 14.611/2023) entre mulheres e homens e a retomada das políticas de apoio à agricultura familiar.

Tais conquistas, contudo, só foram possíveis através da organização dos trabalhadores em entidades representativas como os já tão conhecidos sindicatos. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a atuação dos sindicatos em negociações coletivas foi responsável por garantir, em 2023, que 77% dos reajustes salariais no Brasil tivessem ganhos reais, ou seja, acima da inflação. Segundo o Departamento, 17% dos reajustes alcançaram o índice inflacionário e apenas 6% tiveram perdas.

Todavia, apesar da importância, nas últimas décadas – e sobretudo nos últimos anos, após a aprovação da Reforma Trabalhista, em 2017 – os sindicatos têm sofrido com sucessivos ataques e enfrentado um processo de esvaziamento contínuo. De acordo com o IBGE, de 2012 a 2022 os sindicatos brasileiros perderam cerca de 5,3 milhões de trabalhadores filiados. A última pesquisa sobre o tema registra que, em 2022, das 99,6 milhões de pessoas ocupadas no país, apenas 9,1 milhões eram associadas a sindicatos.

De acordo com o diretor técnico do Dieese, Fausto Augusto Júnior, tal queda se deve a uma “crise geral de representação” enfrentada



por diversas sociedades no mundo e pela dificuldade das organizações e movimentos dos trabalhadores para lidar com os problemas atuais colocados, sobretudo, pelo intenso avanço e desenvolvimento das tecnologias digitais.

### **Representação dos sindicatos**

Segundo o pesquisador, a desconfiança crescente, nos últimos anos, em relação aos sindicatos não é um problema apenas das organizações dos trabalhadores, mas das instituições políticas como um todo. Uma questão que, conforme ele, está diretamente ligada ao modo como as redes sociais têm influenciado e até mesmo reorganizado o debate público.

“O que a gente tem assistido, em todas as avaliações, é uma análise separada. Você tem uma matéria dizendo que os partidos estão em crise, outra que o Congresso é mal avaliado, outra que o Judiciário é isso, outra ainda que o sindicato é aquilo. Na verdade, o que nós vivemos hoje é, sim, uma crise geral das instituições da democracia liberal da qual os sindicatos fazem parte”, explicou à Pulsar.

“O sindicato é um sujeito desse processo de representação coletiva que, de alguma forma, tem sido afetado pelas relações das pessoas cada vez mais mediadas pela tecnologia. As redes sociais, em geral, têm afetado a própria ideia da representação coletiva. Eu acho que é por aí que a gente deveria olhar com mais atenção”, pontuou.

### **Engajamento**

Para Fausto, além de aprofundar um processo de pulverização da opinião pública – como o experimentado nas manifestações de 2013, no Brasil – as redes sociais têm enfraquecido as representações coletivas ao privilegiarem a promoção de conflitos ao invés da construção de consensos.

“É a questão do ‘termo do meio’. Qualquer acordo é um termo do meio. Você está pegando conflitos diferenciados, visões diferentes e

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Geraldo da Silva Cruz

Colaboração: Jacqueline Barbosa

Diagramação: Aníbal Bispo

o que não vai ser tudo o que eu quero, e nem vai ser tudo o que o outro quer. Vai ser o meio do caminho. Este meio do caminho não mobiliza as pessoas no mundo virtual. O engajamento se dá pelo conflito, pela visão mais radicalizada, pela fala mais contundente. Esse movimento pode levar à mobilização, a um golpe de Estado, a muitas coisas. Mas dificilmente vai levar a um acordo”, analisou.

### **Ferramentas**

Sobre as vias e estratégias para reverter este quadro, o diretor técnico do Dieese elenca três pontos principais: compreender a realidade que se apresenta; atualizar os mecanismos de luta; e desenvolver dispositivos legais que “acomodem” e regulem essas novas formas de representação. Tarefas que, segundo Fausto, demandam tempo e, principalmente, um grande esforço coletivo e integrado de diversos setores da sociedade.

“Tenho chamado atenção que nós temos usado as ferramentas do século XX para tentar resolver os problemas do século XXI. Brinco sempre com a ideia de que é como se estivéssemos apertando uma porca com um alicate. Eu posso apertar, mas ela come as laterais, o aperto não fica perfeito, e de certo modo é isso que nós estamos fazendo. Nós, hoje, não temos ferramentas nem teóricas nem de organização para dar conta deste novo mundo que surgiu”, reconhece o pesquisador.

“Nós não estamos falando só de uma crise como a gente falava há 10 ou 15 anos do movimento sindical, que era um problema muitas vezes interno, de financiamento, de renovação de lideranças. Tudo isso o movimento sindical tem e precisa resolver esses problemas passados que não foram resolvidos. O problema é que eles foram somados a um conjunto novo de problemas futuros que, de fato, não é um problema só dele, mas é um problema social geral”, concluiu.

**FONTE: Redação RBA**

[www.cntv.org.br](http://www.cntv.org.br)

[cntv@terra.com.br](mailto:cntv@terra.com.br)

(61) 3321-1658

SDS - Edifício Venâncio Junior,

Térreo, lojas 09-11

73300-000 Brasília-DF